

SOBRE AS RELAÇÕES CULTURAIS
ENTRE PORTUGAL E O BRASIL
NOS FINS DO SÉCULO XIX :
UMA CARTA DE FRAN PAXECO
A TEÓFILO BRAGA

por
MARIA MARGARIDA MAIA GOUVEIA

*« ... acima das regiões — realidades tão vivas —
e das próprias pátrias políticas, sentimos que há
um todo ».*

(Gilberto Freyre)

Fran Paxeco, nome literário de Manuel Francisco Pacheco¹ (1874-1952), transformou a sua longa permanência no Brasil numa experiência pioneira de intercâmbio cultural.

Espírito empreendedor e apaixonado, empenhou-se na defesa da integridade cultural luso-brasileira. Uma luta que se reflecte nos muitos trabalhos por ele publicados (referimo-nos em especial a *Os Escritores Portugueses — I — Teófilo Braga* (1899); *O Sr. Silvío Romero e a literatura portuguesa* (1900) e *Teófilo no Brasil*

¹ É com a primeira forma que aparece citado na Enciclopédia Portuguesa e Brasileira; a informação aí dada é relativa à sua actividade apenas a partir de 1911.

(1917), como também na correspondência que trocou com Teófilo Braga, de quem foi discípulo, grande amigo e admirador.

Trata-se de uma documentação considerável (cerca de uma centena de cartas e alguns bilhetes-postais, guardados na Biblioteca Pública de Ponta Delgada) respeitante, na sua maioria, ao primeiro período de fixação no Brasil — de 1895 a 1916.

Efectivamente, neste ano de 1916, F. Paxeco regressa à pátria, onde exerce funções de Secretário na Presidência da República e, mais tarde, exercerá idênticas funções noutros organismos governamentais. Voltaria novamente ao Brasil, desempenhando, em 1923, o cargo de cônsul no Pará.

A sua primeira estadia, no entanto, revestiu-se de características totalmente diferentes. Partiu para o Brasil « escorraçado pela sordicia de uma monarquia inclassificável » — afirmou ele, em 1907, a Teófilo Braga. Aí exerceu, cumulativamente, diversas actividades (historiógrafo, publicista, comerciante), sujeitando-se a contínuas deslocações, o que, aliás, se conclui do exame das datas da correspondência. Exceptuando o reduzidíssimo número de cartas datadas de Portugal, referentes às estadias em Lisboa ou em Setúbal, sua terra natal, verificamos em todas elas a sua origem brasileira : Manaus, Rio, Maranhão (ou S. Luís do Maranhão), Pará ...

Entretanto, a convite do general Taumaturgo de Azevedo, aceita o cargo de Oficial de Gabinete no Departamento do Juruá (ano de 1905) — o que não exclui, porém, que se dedique aos seus ideais propagandísticos. O tenaz propósito de reconciliar literariamente os dois países (e daí o projecto de criação de uma editora em Portugal, com projecção no Brasil) norteou, desde sempre, a sua acção de homem de letras e, em especial, de português.

Assim, fruto de enorme vitalidade intelectual, a ele se devem iniciativas de marcante significado cultural, nomeadamente a organização de um Congresso Literário Luso-Brasileiro, projectado para Lisboa, em 1903 e, alguns anos mais tarde, o plano de um encontro, novamente em Lisboa, que reuniria as Academias dos dois países.

A política continuaria a absorver-lhe parte do tempo — em 1906, envolve-se em dissidências com o novo Prefeito do Juruá,

José Nery (que culminariam com a sua prisão durante alguns meses); e, em 1911, por nomeação de T. Braga, inicia as funções de cônsul da República Portuguesa no Maranhão².

Já nesse período, todavia, os resultados do seu movimento eram francamente positivos: aumento do consumo de livros de autores portugueses, cooperação entre as duas Academias, depoimentos favoráveis da crítica brasileira, relativamente a escritores portugueses.

F. Paxeco terá sido uma das testemunhas da crise da cultura luso-brasileira que mais exemplarmente conseguiu exercer um papel preponderante na intensificação das relações Portugal-Brasil. Talvez a sua situação de « estrangeiro perseguido » tenha contribuído para esta aguda sensibilização à viragem histórico-cultural. De resto, a sua acção abrange um campo mais amplo, pois que publicou, em 1935, *As Relações Intelectuais entre Portugal e a Grã-Bretanha* (precisamente dois anos após a missão consular em Liverpool).

Não diremos que todo o núcleo epistolar é revelador de uma personalidade atenta e partícipe da vida cultural do país. Parte da correspondência limita-se a confidências de amigo, a desabafo pessoais... e, por vezes, estamos perante um estilo demasiado contundente que faz perigar a imparcialidade e credibilidade do crítico.

Paralelamente, no entanto, tem a presente correspondência o particular interesse de pôr em evidência informações sociológicas sobre a vida cultural — escolas literárias, (des)aparecimento de jornais, revistas ou outras publicações, apetrechamento de bibliotecas, dificuldades de edição, actividade crítica e, particularmente, de abrir novas perspectivas de intercâmbio cultural luso-brasileiro.

² Conforme carta do Maranhão, de 14 de Novembro de 1911 (espólio de T. Braga, Bibl. Pública de P. Delgada): « Cumpro o gratíssimo dever de comunicar a vex^a. que assumi, na data de hoje, o cargo de consul da Republica Portugueza, no Maranhão, para o qual vos dignastes de me nomear, em 24 de agosto último ».

O texto que abaixo reproduzimos foi ditado, sobretudo, por este último tipo de preocupações. De 5-VI-900, nele transparecem as directrizes da sua acção: equacionar o papel do escritor no processo cultural; apelar para a intensificação de relações entre os dois países, propondo sugestões a nível restricto (escritor/editor; escritor/crítico; escritor/escritor); e a nível mais amplo (entre os diversos organismos culturais, nomeadamente as Academias).

Documento que projecta nitidamente as consequências inevitáveis do « chauvinismo » literário português: complacência paternalista, ignorância e (ou) indiferença face ao movimento literário que se desenvolvia no Brasil, ou até mesmo, negação da existência de uma literatura brasileira. Daí, o significativo abismo que mediava entre Portugal e o Brasil, e pelo qual respondia, em parte, a concepção injusta da crítica portuguesa.

A solução para a confraternização cultural, encontra-a F. Paxeco em T. Braga. Aliás, ele perfilha as opiniões de José Veríssimo (evocado elogiosamente na carta que transcrevemos) a propósito da repercussão e influência de T. Braga no país irmão: reconhece a Teófilo a competência e isenção críticas no tratamento de temas e autores brasileiros; o grande alcance social, histórico e literário da sua obra; o eco do movimento coimbrão, de que T. Braga foi um dos dirigentes, largamente superior ao da Escola do Recife (apesar de as duas Escolas se encontrarem unidas por estreitos laços).

Registe-se, além disso, o conhecimento que F. Paxeco revela da literatura e crítica brasileiras, pelas considerações pertinentes tecidas em torno de numerosos escritores, mormente Araripe Júnior, Sílvio Romero e Tobias Barreto. Estes últimos, de resto, mereceram observações mais profundas, chegando mesmo a referir trabalhos em preparação — *O Sr. Sílvio Romero e a literatura portuguesa* (notas informativas e críticas do que foi a acirrada polémica entre T. Braga e S. Romero, acerca da publicação de *Cantos Populares do Brasil* (1883) e *Contos Populares do Brasil* (1885)). E, mais adiante, lá estão presentes novas referências a tal controvérsia. De facto, foi em *Uma Esperteza. Os Cantos e Contos populares do Brasil e o Sr. Teófilo Braga* (1887) que S. Romero

sumariou as razões dos seus protestos. Utilizou, inclusive, o nome de Carrilho Videira (livreiro português, encarregado da publicação da obra de T. Braga), responsabilizando-o pela iniciativa da edição de tais obras³.

A insurreição de F. Paxeco orienta-se, pois, em duas direcções: a do «germanismo» de T. Barreto, e a das «tradições populares» de S. Romero. Nelas, em última análise, afirma a sua veemente repulsa pelas falsas primazias que os citados autores a si atribuem.

Continuando nesta visão analítica da «vigência intelectual», pronuncia-se sobre o papel das instituições na difusão cultural. De notar que é «à ignavia dos nossos livreiros» [de Portugal] que ele acha caber a responsabilidade do conhecimento limitado ou superficial dos autores portugueses no Brasil.

Ese foi, a nosso ver, um dos contributos mais positivos do autor de *Teófilo no Brasil* e *Cartas de Teófilo* — divulgação das pessoas e das instituições públicas ou privadas, de Portugal e do Brasil, que prestigiaram determinado momento da vida cultural, fazendo, simultaneamente, a apologia de um convénio.

Por sua vez, Teófilo Braga inseria-se nos quadros de uma reabilitação da cultura luso-brasileira. Mas o conhecimento, de facto, da crise que reinava na Academia das Ciências, fá-lo encerrar-se num desencantado pessimismo. Reproduzimos, na íntegra, as suas palavras:

« Sugere-me uma cruzada, na Academia das Ciências, para se religarem, intelétualmente, o Brasil e Portugal. Ali, todo o esforço mental é impossível, porque só se alastra a intriga em

³ Sobre a polémica veja-se, para além das obras referidas: Sílvio Romero, *Passe Recibo (Réplica a Teófilo Braga)*, publicação prefaciada e dirigida por Augusto Franco, Belo Horizonte, Imp. Oficial do Estado de Minas Gerais, 1904; Fran Paxeco, *Teófilo no Brasil*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1917.

Como documento de uma fase inicial desta polémica, ver a carta inédita de S. Romero a T. Braga, que encontrámos na Biblioteca Pública de Ponta Delgada e que brevemente será publicada.

tôrno de uns subsidios por quatro lugares remunerados e por publicações que se procrastinam indefinidamente, afim de sorver as dotações dos serviços não efetuados; disputam-se tambem o prémio D. Luiz, de 1:000\$000, e a pensão de 200\$000 aos sócios de mérito. Fóra disso, seduzem apenas a farda e a medallha, para frigir e fazer de sábios. Diante dêles, reconheço-me impotente, porque nada se consegue sem intriga, e para isto era preciso ser conivente nas patifarias». ⁴

Ambicioso projecto, o de concretizar uma aliança moral e mental do Continente com as Colónias e com as Ilhas, este « Pan-luzismo », de que, decorridos alguns anos, falaria o próprio F. Paxeco. De resto « espécie de « Pan-Lusismo conceptual » seria a opção-síntese de Vitorino Nemésio para caracterizar a atitude historiográfica de Gilberto Freyre, que, vinculada a um programa « trans-nacional », visava a construção de « uma pátria maior, que é a unidade cultural formada pelas várias expressões humanas de esforço português, espalhadas sobre o mundo moderno e a tão grandes distâncias umas das outras » ⁵.

Fran Paxeco dilucida, pois, a sintomatologia das relações culturais luso-brasileiras, demonstrando possuir forte intuição das ameaças de que estas seriam alvo. Páginas reivindicativas de um apoio que até àquele momento tinha sido praticamente inexistente, tese de profundas raízes e de perspectivas fecundas e actuais, que abafa, ou pelo menos, minimiza os senões que justamente podem ser detectados na obra deste escritor.

⁴ Fran Paxeco, *Cartas de Teófilo*, Lisboa, Portugália Editora, 1924, pp. 23-24.

⁵ Gilberto Freyre, apud Vitorino Nemésio in G. Freyre, *O mundo que o português criou*, Lisboa, Ed. Livros do Brasil, s.d., p. 165.

CARTA DE FRAN PAXECO A TEÓFILO BRAGA

Maranhão, 5 junho 1900

Meu excelso Mestre

Aqui continuo a estar, curando os achaques, folheando alfarrabios e convertendo infieis. Aqui, como no Rio, no Pará, na Baía, em Pernambuco, etc., bons moços de talento, depois de lerem v. ex^a., comunicam-me os seus assombros. A maioria conhece apenas Oliveira Martins, Ramalho, Eça, Junqueiro, Gomes Leal, Silva Pinto. No Antero mesmo fala-se pouco. A culpa disto cabe á ignavia dos nossos livreiros, que choram uma ou duas duzias de exemplares que deviam distribuir pelos criticos e pelas redações. Ouzo enviar uma lista de criticos e de jornaes. VEx^a. por certo se servirá dela.

Estou anciozo por ler *A Arcadia Lusitana*. Já mandei procurar no Pará, porque aqui não se encontra e lá é provavel que tambem não. Os nossos editores percebem pouco de corografia brasileira. Quero crer que nessa parte figurem Bazilio da Gama, Durão, o portuguez Gonzaga, os dois Alvarengas, Claudio, os dois Velozos, Caldas Barboza, etc. No volume *Filinto e os dissidentes* veremos o resto dos imitadores brasileiros dessa epoca. Esta parte da nossa historia literaria, tratada por vex^a. com um certo desenvolvimento, ajudará a matar o pastelão *Hist. da Lit. Braz.*, do grotesto Silvio. O que por aqui ha de critica, á exceção duns pedaços do Jozé Verissimo, não vale um caracol, incluindo o jacobino Araripe, junior, digno par do Silvio. Por isso bem fará vex^a. em esclarecer-nos estes pontos, mesmo porque as duas literaturas não podem separar-se. Um dos livros que eu mais apeteço é o *Antonio Vieira e o seu tempo*, porque esta é realmente uma das mais obscuras fazes da nossa vida politica e literaria. Apeteço este volume, por cauza dos dois brasileiros dessa epoca — Gregorio de Matos e Antonio José da Silva, o famoso *Judeu*. Ou vex^a. põe um n'*Os culteranistas* e outro n'*As trajicomédias dos jezuitas*? Esta jente ignora que por esse tempo viveram os epicos seiscientistas Gabriel Pereira de Castro, Francisco Sá de Menezes e o meu conterraneo Quebedo, tão envolto em misterios, e Frei Luiz de Souza, Jacinto Freire, Francisco Manuel de Melo, Rodrigues Lobo etc. Daí o arrotarem que Gregorio obumbrou Vieira e que o Judeu fez couza como nunca pensou o Jil Vicente! Tirados a limpo estes dois periodos — Arcadias e tempo de Vieira — restarão para *Garrett e o romantismo* os palidos Domingos de Magalhães, Porto Alegre, Gonçalves Dias, unico bom, Macedo

e Alencar. Bom seria contemplar no *Alex. Herculano* os historiografos Varnhagen, Melo Moraes, pae, Pereira da Silva, Norberto Silva, etc. Para o *Castilho e os ultra-romanticos* ficariam Alvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Fagundes Varela, Cazimiro de Abreu, Junqueira Freire, etc. Tobias, Castro Alves, Vitoriano Palhares, Teofilo Dias, Gonçalves Crespo e Luiz Guimarães já pertencem á 1.ª faze d'A *escola de Coimbra*, que aqui se chamou *A escola do Recife*. A vossa obra, encaixando estes tipos, duplicará de valor no Brazil.

Esta minha timida observação ainda mais se arrazoou ao reler agora a *Hist. da Lit. Braz.*, do Silvio Romero. Leu? Se não, enviar-lha-ei. Vale a pena compulsar a introdução, a unica parte apreciavel, aliás cheia de asneiras e contradicções, e pajs. 1037 a 1041, assim como pajs. 1231 a 1382. O Bruno gastou um tempo preciozo com divagações nevoentas no *Brazil Mental*, quando neste livro tinha pretextos fartos para zurzir as pretenções dos manos Silvio e Tobias. O que ele não fez vou faze-lo eu, no livro que preparo—*O sr. Silvio Romero e a literatura portugueza*. Hei de arrazar este pelitrapo, o Tobias e o Araripe, *sem ferir a suscetibilidade brazileira*.

É justo que se enfeixem na Escola de Coimbra os braz. Tobias, Silvio, Teixeira Mendes, Machado de Assis, Rui Barboza, Bevilaqua, Artur Orlando, Izidoro Martins, junior, Araripe, Jozé Verissimo, Nabuco, Artur Azevedo, etc., que são rezultantes das nossas correntes literarias. De todos o menos valiozo e o mais pretenciozo é decerto o Silvio.

Temos caído muito aqui inteletualmente, exatamente por não lermos estes reaes talentos. E, quando cair de todo a nossa influencia mental, podemos procurar outro rumo, porque o que liga ainda hoje o Brazil a Portugal é a nossa literatura. Ainda agora a Sociedade de Medicina entregou 400 exemplares de *obras medicas brazileiras* ao jeneral Cunha, para as mandar á Academia das Sciencias. O mesmo sucede em produções juridicas. E no entanto aí tudo se ignora. Muitos homens de saber me perguntam aqui quaes são os nossos maiores medicos, juristas, botanicos, zoologos, filozofos, e eu vejo-me grego para os indicar. Pedem-me que lhes indique as obras dêsses sabios, as revistas dessas corporações scientificas—e eu, pobre de mim, recorro á minha *reminiscencia patriotica* e sempre descubro alguma couzinha. Não ha onde eu beba uma historia da nossa evolução scientifico-filozofica, que data efetivamente da Escola de Coimbra, e que vex. por certo desvendará na reedição.

VEx.ª, com a sua imensa autoridade, bem poderia levantar na Academia esta santa cruzada, que teria um eco assáz simpatico no Brazil,—fazendo com que as corporações scientificas e os scientistas, os juristas, os filologos, os pedagogos, os botanicos, os matematicos, os zoologos, os filozofos, tudo quanto pensa e escreve, em vem [vez] de palrar só, enviem para a Sociedade de Medicina, Instituto dos Advogados, Faculdade de

Direito, Escola de Medicina, Escola Politecnica, Escola Militar, etc., tudo do Rio; Faculdades de Direito de S. Paulo, de Pernambuco, da Baía e do Rio Grande do Sul, Escolas de Medicina da Baía, de S. Paulo e do Rio Grande do Sul, Sociedades de Medicina do Pará e do Amazonas, Escola de Engenharia de Ouro Preto, em Minas, principaes redações de jornaes, Academia Brasileira de Letras, do Rio, Institutos, Historicos do Rio, S. Paulo, Baía, Pernambuco, Ceará, Pará, bibliotecas publicas dos principaes Estados, etc. [sic] VEx^a, com a sua grande autoridade, bem pode levantar este movimento, fazendo a sua lembrança á Academia por escrito, afim de se publicar nos jornaes, no *Brazil-Portugal* e na *Mala*. Nessa lembrança calhariam quatro traços sobre os estetas, os scientistas e os filozofos de ambos os paízes. Este apelo ás nossas agremiações mentaes certamente levará á permuta de relações com as corporações enumeradas e será altamente grato aos brasileiros, que nos odeiam com razão, porque nós, vaidozos riziveis, os achincalhamos. De joelhos lhe peço que faça este apelo, por intermedio da Academia. Fala em mim o patriota, o adm.^o de vex^a. e o conhecedor do Brazil.*

A Academia tem grande culpa neste arrefecimento de relações literarias. Imajine que, quando estive ultimamente em Portugal, vi no relatório do Pina Vidal figurarem ainda como socios correspondentes numerosos brasileiros mortos. Dei então uma nota a Teix. Bastos, que não sei se ele apresentou na secretaria academica. O dicionario, unico trabalho por que se poderia aferir a influencia da Academia, parece que será primeiro dado a lume pela Academia Brasileira, que não tem protecção official. Isto será uma vergonha, como vergonhozo já foi que o 1.^o dicionario da lingua fosse feito por um brasileiro — o Moraes. Parece que até em profundezas linguisticas o Brazil nos passou, porque a melhor gramatica é tambem dum brasileiro — o Julio Ribeiro. Neste ponto ainda vex^a nos poderá acudir, reformando a sua Gramatica, juntando os dois livros finaes da *Hist. da Lit.* num só — *Indice jeral analítico e recapitulação* e findando o monumento com — *A evolução da linguagem*, em Portugal e no Brazil.

A propria Sociedade de Jeografia tambem podia influir na cruzada. Mas ela, coitada, nem ao menos ainda fez uma coletanea dos *Contos e cantos populares africanos*. Podia estimular as pesquisas scientificas em Africa, para não nos acontecer o mesmo que na India e no Brazil, onde os inglezes e alemães descobriram couzas que sempre nos passaram despercebidas, — mas nada faz. Trata de eleições como qualquer João Franco ou Mariano. Abençoados queixos!

* Será isto um digno remate das festas do Centenario. O *Paiz*, do Rio, de 3 de maio em diante, publicou elucidativos art. sobre a evolução braz^a. [nota do autor].

Os nossos juristas e médicos podiam comentar e analisar os daqui, sem preconceitos. Ha por aí novos e velhos capazes desta tarefa. Bastavam as academias brasileiras para lhes dar consumo. Os *Comentarios* do Alves de Sá são muito procurados aqui. Parece que ele não os concluiu.

Pequenas couzas :

Recebeu uns livros que lhe enviei do Rui Barboza, do Bevilaqua e do Oliveira Lima ?

Agora envio mais uns jornaes que se ocuparam do *Mais mundos*. Ainda me falta receber m.^{tes} do sul e de Manaus.

Recebeu um folhetinho de propaganda — *Os escritores portuguezes* ? Foi distribuido gratis por todo o Brazil.

Já sabe que o Carrilho Videira endoudeceu e vive no manicomio do Rio ?

Remeto-lhe a pasquinada do Silvio, que me disse nunca ter lido. Encontrei essa amostra daquele jenio numa livraria daqui. Poucos exemplares circularam. São rarissimos.

Poderia arranjar-me — As teocracias literarias, Revista critica de literatura moderna e Os criticos da hist. da lit. portugueza ? Estou cansado de procurar estes trabalhos. É para conferir datas, por cauza do *jermanismo* do Tobias e da tunda que preparo para o Silvio. Esta critica-catilinaria leva-me umas duzentas pajinas. Hei de arrazar este jacobino das duzias e o Araripe, que na *Revista Brasileira*, do Rio, fasc. de janeiro a março, fez uma referencia baboza a *Uma esperteza*. VEx^a, é claro, figura o menos possivel nesta reprezalia. Não querem [quero] que tomem o meu escrito por idolatria. A couza é feita sobre os livrecos que eles teem publicado.

Magnifico seria mandar *A Arcadia Luzitana* á jente apontada. Interessante o volume bastante ao Brazil. O editor não deve furtrar-se a isto. Ele que considere que no Brazil está o nosso futuro literario, como em Africa reside o nosso porvir economico. O Brazil é o recurso dos nossos escritores, pintores, esculptores, atores, gravadores, tipografos e até médicos e advogados. O Bethencourt Rodrigues, o bacharel Luiz Gomes e Cunha e Costa que o digam. Já não falo dos jornalistas, que são inumeros, do sul ao Norte.

Termo esta bastante amargurado, por lhe haver roubado tanto tempo — e ter lido a noticia de que Teixeira Bastos se acha gravemente enfermo. Oxalá tão bom amigo passe incolume !

Dê sempre as suas ordens ao modesto

Discip.^o e Co^{do} obg^{mo}

Fran Paxeco

Aos cuidados do dr. Alfredo Ferreira
Maranhão

(Estarei aqui só até fins de julho).

PS. Já esta estava escrita, quando recebi a noticia de que os meus negocios do Amazonas correm excelentemente. Em fins dêste ano ou começos do outro aí me terá com os primeiros vinte contos *fortes* que receber para fazer a edição completa.

Escritores brasileiros de valor:

Tobias Barreto — falecido — jurista e critico
Teixeira Mendes — ensaista
Machado de Assis — romancista
Rui Barboza — parlamentar e publicista
Jozé Verissimo — contista, pedagogo e critico
Araripe, junior — critico
João Ribeiro — poeta, critico e pedagogo
Clovis Bevilaqua — critico e jurista
Artur Orlando — critico e jurista
Martins, junior — poeta, critico e jurista
Capistrano de Abreu — critico e historiador
Melo Moraes, filho — poeta e folk-lorista
Teixeira de Melo — poeta e historiador
Joaquim Nabuco — parlamentar e publicista
Luiz Murat — poeta e publicista
Artur Azevedo — poeta e comediografo
Olavo Bilac — contista, poeta e cronista
Aluizio Azevedo — contista e romancista
Coelho Neto — contista, romancista e dramaturgo
Alberto de Oliveira — poeta parnaziano
Raimundo Corrêa — poeta parnaziano
Luiz Delfino — poeta parnaziano
Ferreira de Araujo — jornalista
Quintino Bocaiuva — parlamentar e jorn.
José do Patrocinio — orador, jorn. e rom.
Nina Rodrigues — publicista
Oliveira Lima — historiografo, critico e publ.
Julio Ribeiro — morto — filologo, rom. e critico
Raul Pompêa — morto — contista e romancista

Assis Brazil — diplomata e publicista
 Miguel Lemos — ensaista
 Pereira Barreto — critico e filozofu
 Alberto Sales — publicista
 Filinto de Almeida — poeta, portuguez
 Manuel de Bethencourt — publ., portuguez
 Rodolfo Teofilo — romancista
 Julia Lopes de Almeida — romancista
 Garcia Redondo — contista e publ.
 Julio de Castilhos — o 1.º estadista, publicista e pozitivista *enragé*
 Lauro Sodré — parlamentar e publicista
 Pinto da Rocha — parlamentar e publicista
 Barboza Lima — parlamentar e publicista
 Jozé Hijino — historiador e jurista
 Francisco de Castro — medico notavel
 Barboza Romeu — medico notavel
 Silva Araujo — medico notavel
 Domingos Freire — morto — medico notavel
 Francisco Fajardo — medico notavel
 Joaquim Murtinho — estadista e medico notavel
 Farias Brito — filozofu
 Ranjel Pestana — publicista
 Carlos de Laet — publicista
 Eduardo Prado — publicista
 Santana Neri — publicista
 Mucio Teixeira — poeta
 Fontoura Xavier — poeta
 Valentim Magalhães — poeta
 Magalhães Azeredo — poeta
 Medeiros Albuquerque — poeta, contista e critico
 Inglez de Souza — romancista e jurista
 Silva Ramos — poeta
 Rodrigo Otavio — publicista e jurista
 Ramiz Galvão — publicista e pedagogo
 Afonso Celso — publ., poeta e rom.
 Julio Maria — eloquente prégador
 Jenerino Santos — poeta pozitivista
 Fausto Cardozo — filozofu
 Barão do Rio Branco — hist. e jeografo
 Souza Pinto — poeta e jurista, portuguez
 Eduardo Salamonde — publ., portuguez
 Leite Velho — jurista e publ., portuguez
 Lucio Mendonça — poeta e jurista

SOBRE AS RELAÇÕES CULTURAIS ENTRE PORTUGAL E O BRASIL

Lafaiete Rodrigues Pereira — jurista
Fernando Mendes de Almeida — jornalista
Luiz Cruls — astrônomo

Os cientistas — zoólogos, botânicos, mineralogos, etc. — são quasi todos estrangeiros contratados, mas o movimento é extenso.

Novos de merito real :

Adolfo Caminha — morto — contista, poeta, rom. e critico
Cruz e Souza — morto — poeta e contista
Bernardino Lopes — poeta
Julio Cezar da Silva — poeta
Francisca Julia da Silva — poeta
Gonzaga Duquestrada — rom. e critico
Nestor Vitor — contista, poeta, rom. e critico
Virjilio Varzea — contista e romancista
Afonso Arinos — contista e publicista
Artur Lobo — romancista e publicista
Afonso Guimarães — poeta
Faria Neves — romancista
Pereira da Costa, f° — publicista
Azevedo Cruz — poeta
Pethion de Villar — poeta
Jervazio Fioravanti — poeta
França Pereira — poeta
Teotonio Freire — poeta, contista e publ.
Xavier Marques — romancista
Marques de Carvalho — romancista e publ.
Antonio de Carvalho — poeta
Paulino de Brito — poeta e contista
João de Deus do Rego — poeta
Aloizio Carvalho — poeta e publ.
Virjilio Lemos — publicista
Eugenio Silveira (novo ou velho ?) — jornalista, portuguez
Jozé Barboza — jornalista, portuguez
Enéas Martins — publicista
Barboza Rodrigues — publicista
Barrozo Rebelo — publicista
Eladio Lima — publicista
Paulo Maranhão — contista
Acrizio Mota — poeta e contista
Artur Viana — historiografo

Rodrigues Carvalho — poeta e critico
Antonio Papi — romancista
Dario Velozo — poeta e publicista
Silveira Neto — poeta
Frota Pessoa — poeta, contista e critico
Teodoro Magalhães — publ. e critico
Oliveira Gomes — contista
Antonio Zilo — contista
Deodato Maia — publicista
Antonio Sales — poeta e critico
Teodoro Rodrigues — poeta e contista
Luiz Edmundo — poeta
Ernesto de Paula Santos — poeta
Reis Carvalho — poeta e publ.
Henrique Castriciano — poeta
Cunha Mendes — poeta
Felix Pacheco — poeta e publicista
Jonas Silva — poeta
Luiz Pistarini — poeta
Armando Erx — contista, portuguez

A federação politica trouxe tambem a descentralização literaria. Quazi todos estes moços são dos Estados.

A revelação destes nomes, com as características respetivas, fará um assombro !

Criticos :

José Verissimo, diretor da *Revista Brasileira*, Rio.
Medeiros Albuquerque, redação da *Noticia*, Rio.
Dunshee Abranches, redação do *Jornal do Brazil*, Rio.
Rui Barboza, rua do Rozario, 74, Rio.
Julio de Castilhos, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
Pinto da Rocha, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
Nina Rodrigues, faculdade de medicina, Bahia.
Moniz Aragão, largo de S. Pedro Velho, 36, Bahia.
Clovis Bevilaqua, faculdade de direito, Pernambuco.
Pereira da Costa, filho, na redação do *Jornal do Recife*, Pernambuco.
Dario Velozo, Curitiba, Paraná.
Rodrigues Carvalho, banco do Ceará, Fortaleza.
Enéas Martins, diretor da *Folha do Norte*, Pará.
Oliveira Lima, legação do Brazil, Londres.

Frota Pessoa, na redação do *Paiz*, Rio.
Luciano Fataça, no *Portugal Moderno*, Rio.
João Ribeiro, na *Revista Brasileira*, Rio.

Jornaes :

Jornal do Comércio, Rio.
Gazeta de Noticias, Rio.
O Paiz, Rio.
Jornal do Brazil, Rio.
A Noticia, Rio.
A Tribuna, Rio.

O Comercio de S. Paulo — S. Paulo
O Correio Paulistano — S. Paulo
O Estado de S. Paulo — S. Paulo
O Diario Popular — S. Paulo
A Platéa — S. Paulo

A Federação — Porto Alegre
O Farol — Juiz de Fóra
A Baía — Baía
O Jornal de Noticias — Baía
A Provincia — Pernambuco
A Provincia do Pará — Pará

Publicar sempre, em todos os livros, a bibliografia completa, — indicando os volumes já reeditados.

É o melhor serviço que o editor pode prestar a si proprio.

Pôr na dedicatoria á *Folha do Norte* : « Representada em Enéas Martins, Barboza Rodrigues, Barrozo Rebelo e Eladio Lima. — São os redatores efetivos, 4 bachareis de mt° talento e entuziastas de vex*.....